

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES, GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES, NO DIA 9 DE ABRIL DE 2016, DIA DO COMBATENTE, 98º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS E 80ª ROMAGEM AO TÚMULO DO SOLDADO DESCONHECIDO - BATALHA

Exmo. Senhor Presidente da República, Comandante Supremo das Forças Armadas e Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes
Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa
Excelência

Quem fomos, o que somos, o que queremos continuar a ser, os valores e as razões que aqui nos trazem, neste Dia evocativo de todos os combatentes por Portugal, foram certamente fatores que conduziram V. Exa. a decidir juntar-se a nós neste histórico lugar, neste histórico dia, numa das primeiras ações públicas de V. Exa. como Presidente de todos sem exceção.

Neste Dia do Combatente, como tal institucionalmente evocado há décadas, do 98º aniversário da Batalha do Lys e da 80ª Romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido, em nome dos combatentes da Liga dos Combatentes e de todas as associações que se nos juntaram, permita que lhe transmita a honra que sentimos pela sua presença e partilhe com V. Exa. um sentimento profundo de reconhecimento, por assim testemunhar e confirmar a importância e significado que lhe merece, não só este dia, mas toda a envolvente que cimanta a condição de ter sido ou ser combatente das forças armadas portuguesas. Em nome de todos os combatentes presentes e dos que em espírito estão connosco o nosso muito português, Bem-haja!

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional
Exmo. Senhor General Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas
Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional
Exmo. Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, General Chefe do Estado Maior da Força Aérea e Chefe do Estado-maior do Exército em suplência
Exmo. Senhor General Comandante da GNR e Representante do Diretor Nacional da PSP
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Batalha
Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Batalha
Exmo. Senhor Vice- Presidente da Comissão Parlamentar de Defesa Nacional em representação do seu Presidente
Exmo. Senhor General Chefe da Casa Militar de S. Exa. o Presidente da República
Exmo. Senhor General Vasco Rocha Vieira
Exmo. Senhor General Presidente da Comissão Evocativa da Grande Guerra
Exmos. Senhores Almirantes, Generais e Diretores Gerais
Excelência Reverendíssima o Bispo das FA e FS
Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Leiria
Exmo. Senhor Diretor do Mosteiro da Batalha
Exmos. Senhores Adidos de Defesa de Países Amigos
Ilustres Membros do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes
Ilustres autoridades civis, militares e religiosas
Senhores Presidentes de Associações de Combatentes nacionais e estrangeiras e de Núcleos da Liga dos Combatentes

Ilustres Convidados
Minhas Senhoras e Meus Senhores
Caros membros da Liga dos Combatentes
Caros Combatentes

Evocamos hoje, 9 de Abril, como é longa tradição, o Dia do Combatente.

No ano em curso, para além de evocarmos o soldado português ao longo da história e a sua participação na primeira Guerra Mundial que essa mesma história como tal reconhece e em que a Batalha do Lys é a ponta tumultuosa desse arrepiante tumulto, evocamos hoje também o centenário do fim da neutralidade de Portugal e a preparação para a sua participação na Grande Guerra, no centro da Europa, a partir da decisão política da Alemanha, de 9 de Março de 1916.

Não vimos evocar a glorificação da Nação. Não vimos penetrar nos meandros da razão ou da culpa dos acontecimentos. Não vimos apresentar visões sociais da história ou as diversas óticas políticas ou militares.

Mas já consideramos vir hoje, mais uma vez, enaltecer o Homem. Glorificar o soldado. Revisitar a sua memória.

O soldado despolitizado. O soldado cumpridor de missões na convicção do cumprimento do dever.

O soldado que morrendo pela Pátria é colocado nesse altar pelos companheiros do lado. O soldado que é morto. Que é ferido. Que é feito prisioneiro ou sobrevive na luta. Comandante ou subordinado.

Tudo resultante de uma dicotomia de vontades que o ultrapassam, que o conduzem à banalização da morte, à brutalidade desumana e à violência extrema, mas onde passa a ser, como normalmente é, coator irresponsável dos acontecimentos.

E é essa irresponsabilidade moral e política que o glorifica e o trás, ou deveria trazer, ao apreço daqueles por quem se bateu e a quem procurou convictamente garantir paz e liberdade. Porque só se merece respeito e apreço quando nos batemos convictamente pela paz e pela liberdade dos nossos e dos outros.

O século XX foi o século da massificação da morte de milhões desses soldados em conflitos de carácter mundial.

Cem anos depois do início desse holocausto mundial, replicado três décadas depois, evoquemos e respeitemos a sua memória e revivamos para atuações futuras, a memória das escusadas decisões políticas, que embora após a derrota da diplomacia e do diálogo, conduziram a sacrifícios e brutalidades sem classificação e com alto preço humano e material.

Cem anos depois, profundamente analisadas as causas, o conflito e as suas consequências, é com estupefação que se constata que as lições aprendidas de nada serviram aos seus autores, já que alguns anos depois, se envolviam em semelhante e ainda mais despropositado holocausto, cujo conteúdo e consequências se pautaram por maior e mais horrenda carnificina e desastrosas consequências para ambas as partes em confronto, quer a nível das suas forças armadas, quer das populações por quem aquelas se bateram. Não podemos pois deixar de assinalar que a GG e os dramáticos acontecimentos vividos a nível mundial, foram o prelúdio de um século, o século XX, que ficará na história da humanidade como o século, em que pela primeira vez, não uma mas duas guerras mundiais ocorreram, provocando nesse curto espaço de tempo mais mortes e destruição do que em qualquer outro período da história da humanidade, não obstante ser o século, talvez como

consequência desses fenómenos bélicos, provocador duma nova modernidade e de uma nova revolução industrial, que o século XXI, com intranquilidade conhecida, vem usufruindo.

O século XX, ameaçando destruir o mundo durante a sua primeira metade, atingindo o nível máximo de ameaça, o terror nuclear, conduziu durante a sua segunda metade, um novo tipo de guerra, fria e sem mortes, mas terrivelmente mais ameaçadora que em qualquer outro momento da história da humanidade.

Ameaça destruidora adormecida que se mantém, hoje entrecortada com outros tipos de terror, ainda que menor, sem frentes, de aplicação geográfica fracionada, dispersa e indiscriminada, criadores de incerteza e insegurança pontuais, mas com ponto de aplicação possível e provável em qualquer parte do Globo, com instauração de medo, destruição e morte.

No centro desta apreciação global está sempre o Homem. O homem que as circunstâncias conduziram ao poder de decidir e o homem que as circunstâncias conduziram à condição de cumprir ou desobedecer.

É este último homem que cumpre e que jura cumprir, combatendo se necessário, com o sacrifício da própria vida, na prossecução da Segurança, Bem-estar, Justiça e Liberdade dos povos, que hoje neste dia do Combatente homenageamos profundamente.

É pois também importante evocar os que, há precisamente 55 anos, se batiam e alguns caíam no início do conflito em Angola e depois na Índia, não em ações ofensivas, mas em ações defensivas das populações e dos territórios então considerados território nacional. Mas também não esquecemos os que fracassaram.

Há dois anos neste mesmo dia e lugar apelei à compreensão e perdão, ao único militar nas forças portuguesas fuzilado durante a Grande Guerra. E aqui cito a frase de Rudyard Kipling em Epitáfio da Guerra, inscrita em monumento belga aos militares daquele país então fuzilados:- " Eu não podia olhar para a morte, perante a qual sendo uma realidade, homens me levaram para ela de olhos vendados e sozinho".

João Augusto Ferreira de Almeida, combatente da Grande Guerra, viveu esse momento de cegueira e solidão, mas está hoje sepultado no cemitério de Richebourg junto dos seus companheiros do lado.

Não está sozinho. Nós estamos também com ele. A Liga dos Combatentes tem fundadas esperanças que a sua proposta seja em breve superiormente decidida e o seu perdão ou amnistia concretizado.

Senhor Presidente da República,
Excelência,

Há precisamente 95 anos, neste mesmo dia, 9 de Abril de 1921, os restos mortais de dois combatentes da Grande Guerra eram inumados na Sala do Capítulo e o artífice Sargento Lourenço Chaves de Almeida apresentava o projeto do Lampadário que, anos depois, neste mesmo dia 9 de Abril de 1924, seria inaugurado pelo Ministro da Guerra Américo Olavo como a Chama da Pátria, sobre a lápide tumular de dois soldados caídos honrando a Bandeira de Portugal.

Quis o homem, o tempo e as circunstâncias que hoje, em que Sua Exa. o Presidente da República nos dá a honra de presidir a esta cerimónia, juntando-se a nós na evocação do Dia do Combatente e do Centenário do fim da neutralidade de Portugal na primeira Guerra Mundial, assinalemos um facto talvez tão marcante como o evento de há 95 anos com o Lampadário.

Muito honra a nossa instituição o facto de a partir de hoje podermos colocar em exposição pública, no Museu das Oferendas da Liga dos Combatentes, a última Bandeira Nacional que flutuou no território de Macau, arriada às 17h00 de 19 de dezembro de 1999 e que foi entregue à Liga dos Combatentes pelo Senhor General Vasco Rocha Vieira, último governador do território, no passado dia 4 de Março na sede da Liga dos Combatentes. Permitam-me que sublinhe o aprofundamento dos nossos objetivos estatutários, de promoção da história, do amor à pátria e da defesa dos símbolos nacionais, e agradeça ao Senhor General Rocha Vieira aqui presente com antigos elementos do Governo de Macau o facto de vermos enriquecido o nosso património histórico e cultural com este símbolo imaterial que marcou o fim material do Império Ultramarino Português. Neste lugar da Batalha, onde os homens ergueram um Mosteiro evocando 1385 e a garantia da sua independência.

São Nuno de Santa Maria se nos apresenta em bronze como soldado herói e santo. Mouzinho de Albuquerque é evocado em significativo monumento, recordando-nos 1890. Uma campa rasa acolhe dois combatentes da Grande Guerra e um Cristo das Trincheiras os olha do alto iluminados pela Chama da Pátria. Onde esperamos que um dia um monumento recorde o esforço dos Combatentes do Ultramar, colocamos hoje um símbolo, síntese de todos os símbolos, a Bandeira Nacional que pela última vez flutuou no espaço português de além-mar.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Excelência

A Liga dos Combatentes e os combatentes batem-se por dois grandes objetivos: - promoção e defesa de valores e prática da solidariedade.

Os Valores promovem-se por atos e palavras.

A solidariedade pratica-se por palavras e atos.

Na evocação dos valores, como se verifica na cerimónia de hoje, a 10 de Junho ou a 11 de novembro no armistício ou em momentos semelhantes, sentimos o reconhecimento e apoio generalizado dos poderes públicos e dos cidadãos. Os atos correspondem às palavras.

Na prática da solidariedade para com os combatentes deficientes sociais, deficientes físicos e deficientes mentais, tem-se verificado extraordinariamente mais difícil passar das palavras aos atos.

Os apoios e a compreensão do estado para com os combatentes necessitados tem-se verificado insuficiente e mesmo em situação de crise, entendemos que será possível fazer corresponder melhor as palavras aos atos. Quer os governos, quer as entidades privadas, quer os órgãos de comunicação social nacionais. Nós combatentes e em especial os mais necessitados, sempre vivemos em crise. Sempre vivemos do apoio dos outros.

Temos plena convicção de que V. Exa., como Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, órgão que tem por missão “sensibilizar os órgãos de soberania e da Administração Pública para o apoio ao desenvolvimento da Liga dos Combatentes”, nos ajudará ativamente para que solidariedade não seja para nós uma palavra comum, mas sim superlativa e objetiva que possibilite e garanta melhor qualidade de vida aos combatentes e famílias a quem a vida não sorriu.

Muitos dos nossos encontram-se no universo definido pelo Papa Francisco e que V. Exa. tem evidenciado que necessitam " do diálogo, da compreensão e da solidariedade" porque muitos são de facto "pobres, fracos e oprimidos", idosos e doentes, depois de terem sido jovens, fortes e saudáveis na defesa militar da República e da Pátria.

Exmo. Senhor Presidente da Republica,

Disse V. Exa no importante discurso da Cerimónia Militar em Mafra, ao ser recebido como Comandante Supremo das Forças Armadas, entre outras significativas e oportunas afirmações referentes as Forças Armadas e à sua atuação, o seguinte e cito:-

“Lutaram pela Pátria em cenários de horror, como na Grande Guerra.

Partiram para os confins do Império, convictas de um dever nacional a cumprir. Os nossos antigos Combatentes testemunham-no, como dos mais corajosos de todos nós.

E mais adiante:

Onde quer que exista um soldado, um marinheiro, um aviador, aí está presente o melhor de Portugal.”

Hoje tem consigo um testemunho desses corajosos soldados, marinheiros e aviadores.

Hoje tem consigo os que aprenderam a ser e continuam a ser o melhor de Portugal.

Exmo. Senhor Presidente da Republica, Senhor Ministro da Defesa Nacional

Novo Presidente da República. Novo governo,

Há sem dúvida, uma Nova Esperança por parte dos Combatentes por Portugal.

Termino por isso com renovada esperança, o nosso lema:

Liga dos Combatentes,

Valores Permanentes!

Liga dos Combatentes,

Em todas as Frentes!